

maio/junho
2025

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

de
Michelle
Moura

tão carne
quanto pedra

de
Rafaela
Sahyoun

BOCA ABISSAL



Ministério da Cultura, Prefeitura de São Paulo através da Secretaria de Cultura e Economia Criativa,
Fundação Theatro Municipal, Sustenidos e Nubank apresentam

23 E 28 MAI 20H
24, 25 E 31 MAI 17H
1 JUN 17H

BALÉ DA CIDADE
DE SÃO PAULO

tão carne
quanto pedra

Michelle Moura
concepção e coreografia

Kaj Duncan David e Rodrigo Lemos
trilha sonora

BOCA ABISSAL

Rafaela Sahyoun
concepção e coreografia

Yantó
trilha sonora

ENTRE O RISO DA HIENA E O LAMENTO DA GUÍÇA

Alejandro Ahmed
Diretor do Balé da Cidade

NOS MODOS POSSÍVEIS de esculpir a realidade, a coreografia se apresenta como um dos principais artificios estruturais do fazer dança. Ela pode ser entendida como desorganização da realidade, conjunto arquitetado de movimentos, elaboração temporal de “passos” de dança e/ou uma grafia específica para tudo isso que aqui se cita.

A definição de coreografia é um mergulho constante que ultrapassa a etimologia da palavra e se projeta em suas práticas expandidas.

Michelle Moura e Rafaela Sahyoun, emergem nesta temporada com um corpo coreografado e coreográfico — uma verdadeira morfografia de suas danças. Aqui, a coreografia conecta de forma contínua, a retroalimentação entre o corpo que dança e o coletivo que a ele responde e o devolve ao mundo.

É como se estivéssemos em um jogo de futebol, na total integração entre um drible individual e a movimentação de todo o time rumo a um ataque letal. A coreografia dá suporte ao movimento específico e o movimento individual, por sua vez, sustenta o todo coreográfico.

Em *tão carne quanto pedra* e *BOCA ABISSAL*, a coreografia catalisa o design do movimento e o re-integra ao todo — no espaço e no tempo.

Em *tão carne quanto pedra*, Michelle Moura ergue os corpos do chão pela força da meia-ponta. Corpos elevados em músculo e mármore, esculpi-

dos em diálogo com afetos tristes, são dispostos por ela num artesanato cuidadoso de uma dança coletiva. O gargalhar de uma hiena, na trilha sonora de Kaj Duncan David e Rodrigo Lemos, nos guia no entrelaçamento entre som e matéria coreográfica — um lugar entre o riso e o segredo de estarmos sós.

BOCA ABISSAL é um vento gravitacional pousado nos ossos. O pulsar de Rafaela Sahyoun articula-se em 18 corpos que mantêm esse pulso em estado vivo: um eco incessante que nos faz navegar sinesteticamente pela música de Yantó. A trilha guia, de forma rítmica e emocional, uma coreografia que se comporta como a modulação de um vento solar.

Nada disso seria possível sem o mergulho vertical de todo o elenco do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP), as coordenadoras de ensaio Roberta Botta e Carolina Franco, as assistências precisas e generosas de Clarissa Rêgo na assistência de criação e coreografia e Maikon K na pesquisa dramaturgica (em *tão carne quanto pedra*), Inês Galvão, na assistência de criação e de coreografia e Daniela Moraes e Gustavo Cabral como assistentes de coreografia (em *BOCA ABISSAL*).

Na cuíca que parece lamentar e na hiena que parece sorrir, encontramos esse movimento poderoso que só a dança — e, por vezes, a coreografia — pode nos oferecer: a capacidade de encontrar os avessos no mesmo corpo, sem que estejam em contradição.





tão carne quanto pedra

Meu ponto de partida para a criação de *tão carne quanto pedra* foi o andar na meia ponta dos pés. Algo talvez ordinário para bailarinos com treino em balé clássico, mas que se atualiza como um desafio quando se prolonga o tempo dos calcanhares fora do chão. Apostei que a meia ponta poderia ser uma intensificação músculo-esquelética que aciona novos arranjos, organizações, sensações e imaginações; uma perturbação no corpo, fazendo-nos sentir que alguma coisa está errada, fora do lugar. Há algo de estranho e sensual que se manifesta nos corpos dos bailarinos, como a sensualidade de uma cascavel. Os calcanhares fora do chão servem aqui como motor de emergências de dança e coreografia, e não como um dispositivo performático para levar os corpos a um limite. Em *tão carne quanto pedra* estar na meia ponta evoca associações com um mundo em chamas que produz organismos inflamados, levantes, erupções; corpos em constante sobressalto, incapazes de “aterrar”, a um passo de convulsionar, ansiosos; naufragos da terra em apneia vertical. O título da peça evoca a noção de que nossos ossos e sangue são uma combinação dos mesmos minerais encontrados nas águas, no solo, nas plantas e nas calçadas em que pisamos todos os dias. Somos um amálgama de substâncias, ritmos e ciclos do planeta. Pode parecer cruel, mas somos tão necessários e sem importância quanto a formiga, a flor, o pássaro pousando na janela.

Esta é minha primeira criação para um grupo de 13 bailarinos e me sinto feliz e honrada por trabalhar com um elenco tão talentoso. No dia a dia, com labor e paciência, esculpimos corpos que são tão belos quanto grotescos, e criamos uma performatividade que passa tanto pelo horror quanto pelo sublime, assim como o mundo em que vivemos.

Michelle Moura

Coreógrafa de *tão carne quanto pedra*





Michelle Moura
concepção e coreografia

Clarissa Rêgo
assistente de criação

Maikon K
pesquisa dramática

Kaj Duncan David e Rodrigo Lemos
trilha sonora

Kabé Pinheiro
percussão

Rafael Cesario
violoncelo

Reptilia por **Heloisa Strobel**
figurino

Thales Cristóvão
produção e confecção de adereço de figurino

Aline Santini
desenho de luz

Camila Schmidt
cenografia

Stephanie Fretin
assistente de cenografia

Luiz Parisi
visagismo

Alyne Mach, Ana Beatriz Nunes, Ariany Dâmaso, Carolina Martinelli, Cleia Santos, Erika Ishimaru, Fabio Pinheiro, Grécia Catarina, Leonardo Hoehne Polato, Leonardo Silveira, Luiz Crepaldi, Renée Weinstrof e Uátilla Coutinho
elenco

Agradecimentos: Jared Gradinger, Elisabete Finger, Gabi Gonçalves - Corpo Rastreado e Lara Ovidio

DURAÇÃO APROXIMADA 40 MINUTOS

TÃO CARNE QUANTO PEDRA

Mateusz Szymanówka

Dramaturgo de dança na Sophiensæle e diretor artístico do Tanztage Berlin

AO LONGO DE SUA HISTÓRIA, a psicanálise tem retornado repetidamente à questão: o que nos move? As respostas têm sido tão complexas quanto a própria psique — desde o impulso, a atração da libido, a pulsão de morte, até os ciclos inquietos do desejo, o inconsciente coletivo e a fantasia. O corpo serve como o ponto focal dessa investigação: local onde a vida psíquica toma forma, onde os impulsos são promulgados, retidos e repetidos. É aqui, nos gestos e nas tensões do corpo, que o movimento se torna tanto sintoma quanto expressão — uma dança de forças que nem sempre podemos ver, mas que vivenciamos continuamente.

A prática coreográfica de Michelle Moura é marcada por um interesse pelo natural e pelo artificial, uma atenção precisa ao movimento mínimo e uma exploração profunda dos estados corporais e psicológicos. Em sua recente trilogia de obras criadas em Berlim entre 2021 e 2025 — *Overtongue*, *Lessons for Cadavers* e *BOCA COVA* — ela demonstrou ser mestre do grotesco, criando e conjurando

corporalidades que revelam momentos de humor e absurdo na condição de ser humano. É sua capacidade de destilar a complexidade emocional em vocabulários físicos minimalistas e meticulosamente construídos que lhe rendeu reconhecimento nacional e internacional.

Lessons for Cadavers, que estreou em 2022, marcou um passo significativo na expansão da linguagem coreográfica de Moura pelos corpos de outros dançarinos. Essa obra profundamente pessoal, informada pela turbulência política no Brasil, envolve-se criticamente com o conceito de necropolítica, questionando a frágil, e às vezes perigosa, renegociação das fronteiras entre os vivos e os mortos. O movimento se originou na linguagem física do horror — suas intensificações e distorções — e, em última análise, mostra um espelho para os mortos-vivos de nosso tempo e revela a morte como um espaço de transformação.

As criações solo e em grupo de Moura são frequentemente habitadas por criaturas fronteiriças,

figuras liminares suspensas entre a vida e a morte, entre a sanidade e a loucura, entre o humano e o não humano. Seu trabalho é inconfundivelmente contemporâneo, mas ressoa com figuras de excesso corporal que assombraram a cultura popular nos séculos XIX e XX, como os trágicos amantes do icônico balé romântico *Giselle* ou o morto-vivo *Nosferatu*.

Mas não adianta procurar bailarinas etéreas na nova criação de Michelle Moura para o Balé da Cidade de São Paulo. Em *tão carne quanto pedra*, ela retorna à sua exploração de um vocabulário visceral de horror. Mais uma vez, Moura volta sua atenção para corpos coreografados por forças internas e externas — corpos desagregados que expressam o que não pode ser dito. Desta vez, ainda mais fortemente do que em suas performances anteriores, ela explora o tipo mais agudo de horror: um planeta em crise e as formas como essa crise se manifesta em corpos humanos que estão inflamados, lesados e exaustos. Neste trabalho, assim como na terapia, a cura começa quando se permite que o sintoma apareça.







SOBRE

O SOM

Kaj Duncan David

Trilha sonora

“**PÉS NA MEIA PONTA**, inflamados e pisando em um chão em flamas. Uma chaleira apitando como uma sirene louca. Cisnes sambando num lago em ebulição.” Essas três imagens de um texto inicial escrito por Maikon K e Michelle Moura durante a pesquisa de *tão carne quanto pedra* foram particularmente generativas para a criação sonora. Partindo desse imaginário apocalíptico, Rodrigo Lemos e eu desenvolvemos uma música que é reduzida até a medula óssea com referências sonoras de filmes de terror e um som grave que nos puxa para a terra, enquanto os dançarinos, na ponta dos pés, lutam contra essa força de aterramento. Uma melodia de violoncelo solo, sombria no início, reflete esse impulso para cima, subindo lentamente e abrindo um mundo fervilhante de emoções. Com a expertise de estúdio de Lemos, que criou o som para os trabalhos seminais de Moura entre 2010 e 2015 (incluindo *CAVALO*, *FOLE* e *BLINK*), enriquecemos a paisagem sonora eletrônica com gravações dos músicos locais Kabé Pinheiro (percussão) e Rafael Cesario (violoncelo).





BOCA ABISSAL

BOCA ABISSAL se ancora no desejo de produzir energia em tempos de exaustão — convocando uma dança em massa, de onde fazemos brotar intensidades regenerativas como estratégia insistente de descolapso. Um chamado que emerge no pós-pranto.

Ao deslocar o foco da forma para a variação, da narrativa para a ressonância, a obra propõe o afeto como política do sensível. Ela não impõe compreensão nem identificação. Ela convida à percepção do corpo — percebido em si.

Os afetos não são romantizados: emergem continuamente, viscerais e imediatos, antes mesmo de serem nomeados ou representados. É no campo da afetabilidade que a ressonância se torna central: a percepção do corpo sendo atravessado por espectros de força, reorganizando-se a partir do que o toca, tenciona, desloca.

A obra coreográfica parte da premissa de pulso como força organizadora, sistema de relação e agente coreográfico. Instaurando um campo onde a dança vai se compondo no entre — espaço vibrátil, onde os afetos ressoam em estado de propagação.

Dezoito bailarines — que não saem de cena, orbitam entre si em aproximação e distanciamento, em interferências, agenciamentos — e, sim, consentimentos. As trajetórias espaciais revelam uma zona dialógica, compondo um campo de variação expandida. Na sua tessitura, os deslocamentos são atravessados por transformações de estados corporais e relacionais — onde o que parece estável não está garantido.

Mais do que um princípio compositivo, a ressonância é propulsora de um modo de experiência cinestésica partilhada. O corpo não se encerra em si: reverbera a dinâmica coletiva, desarticula os automatismos, atualiza as presenças. Os corpos se deslocam do íntimo ao vasto, das vísceras às superfícies.

Considerando o corpo como um agente dinâmico entre forças internas e externas, sua relação com a gravidade se dá como uma condição primordial e inevitável, mobilizando respostas corporais contínuas por meio de adaptações e redistribuições de tensões.

Diante dessa condição, o pulso, que se desdobra nesta obra como uma prática corporalmente imersiva, é também biológico, inscrito no sistema fascial anatômico — nossos tecidos conjuntivos —, bem como na tessitura social: a fásia coletiva.

Enquanto material dançado, o pulso convoca à absorção dos impactos da anatomia de cada um em sua experiência de mundo, ao mesmo tempo em que propõe um exercício de atualização como gesto de abertura para outros modos de reverberar no ambiente, com e por ele, inseparavelmente.

A boca, zona de passagem, não é apenas orifício funcional: é buraco primitivo, primeiro tambor do corpo, teto côncavo de um cosmos interno, onde o ar vibra antes da palavra. Vórtice-vastidão. Abissal, aqui, não é queda sem fim: ao tocar o fundo, o campo pulsa, se acumula e irrompe em um resgate selvagem, humano, animal e visceral. Talvez o que se passa aqui não se explique. Se atravessa.

Rafaela Sahyoun
Coreógrafa de *BOCA ABISSAL*



Rafaela Sahyoun
concepção e coreografia

Inês Galrão
assistente de criação e coreografia

Daniela Moraes e Gustavo Cabral
assistentes de coreografia

Judita Tripar
estágio em pesquisa continuada e composição coreográfica

Yantó
trilha sonora original, produção musical, mixagem, programações, vozes e sintetizadores

Frederico Pacheco
gravação, mixagem e masterização

Leandro Vieira
percussões acústicas, cuíca e onça

Bruna Lucchesi e Rodrigo Mancusi
coro

Karina Mondini – Tela Studio SP
figurino

Aline Santini
desenho de luz

Camila Schmidt
cenografia

Stephanie Fretin
assistente de cenografia

Luiz Parisi
visagismo

Bruno Rodrigues, Camila Ribeiro, Fabiana Ikehara, Gutielle Ribeiro, Harry Gavlar, Isabela Maylart, Jéssica Fadul, Leonardo Muniz, Luiz Oliveira, Marcel Anselmé, Marcio Filho, Marina Giunti, Marisa Bucoff, Odu Ofá, Rebeca Ferreira, Safira Sacramento, Silvia Sousa e Victor Hugo VillaNova
elenco

DURAÇÃO APROXIMADA 40 MINUTOS



SOBRE O CORPO QUE TUDO SENTE

Angela Ribeiro

Vencedora do Prêmio Shell em 2018 e do APCA em 2019. É formada em letras pela Universidade Federal do Pará com especialização em criação pela ESPM. Formada em dramaturgia pelo Sesi British Council e em artes cênicas pela Escola de Arte Dramática da USP

EU CONHECI a Rafaela Sahyoun num processo intenso, em 2015. Eram corpos que contavam histórias, revelavam seus traumas e poesias — uma adaptação da peça *As Três Irmãs*, de *Anton Tchekhov*. Era para ser teatro, mas foi muito além. E ali tive o prazer, a honra, o privilégio e, posso dizer, a imensa sorte de ser dirigida por ela, em parceria com o diretor Ricardo Henrique, em *Casa e Nuvem Branca*: uma peça que flirtava com a dança e a performatividade, já que revelava uma dramaturgia de movimento que ia se instaurando durante o contar daquelas histórias que misturavam passado e futuro, ficção e realidade, o Eu e o Outro.

Em suas obras acontecem transbordamentos da cena. O que isso significa? É quase impossível que quem assiste não seja afetado, não sinta em seu próprio corpo a reverberação do que ela propõe. Isso é uma resposta da sua metodologia, é o resultado de anos de pesquisa buscando compreender como uma coreografia não se encerra no corpo. É uma busca por dramaturgias cinestésicas. Rafaela promove uma energia que transborda da cena e lubrifica o seu entorno.

O pulso, base da sua pesquisa, é a premissa da sua construção coreográfica. Em *Fôlego* (2022), seu primeiro trabalho com o Balé da Cidade de São Paulo, percebemos nitidamente essa pulsão de vida. Já *BOCA ABISSAL* desdobra-se em outras camadas e se apresenta como uma variação daquilo que reconhecemos nas suas obras. Nesse espetáculo, re-



tumba algo visceral no encontro entre dois ou mais corpos. Esses olhos que a artista tem pelo corpo enxergam e tateiam vibração o tempo todo. Outros dois verbos explícitos nas suas composições são restauração e ressignificação.

Tenho acompanhado o seu trabalho de longe e também de perto. Neste momento pude estar mais próxima e, quando estou dentro da sala de ensaio, reconheço nos seus direcionamentos o expandir dessa teia do que ela investiga. É como se as suas obras nascessem repletas de espaços abertos para conexões.

Posso dizer que são obras “rizomas”, pensando no conceito dos filósofos Deleuze e Guattari, que entendem o rizoma como uma forma de organização e pensamento que se opõe à estrutura arborescente (rígida e hierárquica), valorizando a multiplicidade, as conexões horizontais e a abertura, que desafia a ideia de um conhecimento linear e hierárquico.

Existe algo de cósmico e selvagem nesse espetáculo e isso é uma ressonância da sensibilidade com que a artista faz as suas escolhas. Ela acredita no encontro. Aqui, nesse palco, as fronteiras se borram.

Poderia ser sobre a camada mais profunda que nos permeia, mas é o seu reverso. É o resgate. É sobre “tomar a coragem da retomada”. Nomeia um ponto de origem e de queda e, na sua sequência, o rebote — um pulso, como agente organizador e coreográfico. Ondas que, como uma corrente elétrica, atravessam

os corpos, das vísceras até a superfície. *BOCA ABISSAL* é uma espécie de mergulho lisérgico onde o corpo de quem assiste também pulsa o desejo de estar em movimento, atento. É uma obra que convoca.

Quando um bebê nasce ele rompe a placenta e, de súbito, entra em contato com a gravidade. Existe o pranto. Ele chora. Ele grita, mas um grito de vida, um grito de quem acaba de chegar e se depara com o mundo. Daí em diante, somos movidos também pelo mistério da experiência que é viver. Em *BOCA ABISSAL*, esse arrebatamento é constante.

A obra se constrói também no desejo de produzir energia em tempos de exaustão. A fisicalidade revela um sistema de continuidade em meio ao colapso do mundo — não como fuga daquilo que tenta nos implodir, mas como insistência naquilo que nos mantém no percurso. *BOCA ABISSAL* é um chamado que emerge no pós-pranto. É sensorial. É relacional. É um chamado ao movimento coletivo, capaz de ativar a percepção motora e tônica de quem assiste. A coreografia e tudo aquilo que a cerca age como uma catapulta.

A vontade é de gritar, um grito vermelho que, antes mesmo de sair pela boca, esquenta o sangue. Escapa pelos olhos. O espaço do teatro é útero, tem líquido, pulsação contínua e a mente não pede licença para sua coluna agir.

Uma dramaturgia que começa no côncavo dos pés, percorre as vértebras, até chegar na boca, nosso

lugar de passagem. Quando a arreganhamos, a luz entra. Fechada, é gruta. *Se Fôlego* (2022) é uma obra que nos arremessa na encruzilhada da cidade, *BOCA ABISSAL*, por sua vez, nos desloca para onde o corpo quer voltar: o instinto, a selva, o bicho que nos habita. É possível que durante esse tempo você enxergue nestes corpos que dançam cavalos, onças, orangotangos, búfalos, pássaros. São manadas, revoadas, constelações. É como se o tempo todo estivéssemos ouvindo “Nós vamos continuar!” *BOCA ABISSAL* é carne trêmula que salta sobre cada osso. É multidimensional. É a vértebra que cavalga a cada beat. É no encontro que esse existir é capaz de superar padrões comportamentais, psíquicos, morais, estéticos ou ideológicos. E esse corpo em órbita é convocado o tempo todo a tomar decisões.

Os movimentos acontecem em ondas: quadril, pélvis e encaixe. É erótico e não explícito. Está muito mais próximo do erotismo de Georges Bataille quando diz: “Toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos falta.” O erotismo como força de criação. O erotismo para Rafaela é sobre “estar vivo”. Que vocês sintam o que eu senti ao assistir o primeiro ensaio deste novo espetáculo: urgência de movimento, desejo de recomeço, de criação, pulsão para existir na minha máxima potência. *BOCA ABISSAL* é sobre o corpo que encontra no outro a coragem para seguir insistindo na vida.



UM CANTO PARA UMA BOCA ABISSAL

Yantó

Trilha sonora original, produção musical, mixagem, programações, vozes e sintetizadores

É SEMPRE MUITO INSTIGANTE pensar na relação entre música e dança. Talvez seja um clichê voltar a esse ponto, mas em diversas culturas e tempos da história da humanidade não há separação entre canto, música e dança. Há línguas que sequer distinguem uma coisa da outra. Na língua dos povos bantu, por exemplo, *ngoma* é tambor, dança, música, rito — tudo ao mesmo tempo. Entre os mapuche, *purrún* é o verbo que nomeia o movimento cerimonial que canta com os pés e dança com a boca. Talvez cantar e dançar tenham sido, desde o início dos tempos, um só gesto — um só pulso. Talvez o nosso corpo ainda saiba disso, mesmo quando a língua parece esquecer.

Nesse sentido, “dançar a música” seja talvez uma tentativa de reimaginar esse pulso primordial. Um retorno ao ritual mais ancestral. O som como condutor de uma modulação dos sentidos, um despertador da libido, da vitalidade. Uma vitalidade que resiste em um dos elementos centrais e mais ricos da cultura brasileira: nossa música.

Para mim, não deixa de impressionar a força que emana da diversidade musical que forjou nossos ouvidos. Seja aquela presente nos discos da MPB que crescemos ouvindo — de Gal, Caetano, Milton, Chico — seja aquela que multiplicou sotaques e particularidades em diversos folguedos e manifestações populares por todo o território brasileiro. Vozes, tambores, cordas, sopros — roçando o desejo de continuarmos não só vivos, mas pulsantes e desejosos. Articulações que nos ensinam diariamente a conviver com a dor e a alegria, a tornar a tristeza mais serena, a felicidade mais soberana e a raiva um impulso de transformação.

Nesse retorno ao que estou chamando de pulso primordial, ancorar-me nessa musicalidade para compor a trilha de *BOCA ABISSAL* sequer pode ser chamado de um retorno, uma vez que este é o território de onde nunca saí. Eu penso diariamente no que é ser brasileiro hoje — e claramente, não há uma resposta definitiva. Talvez por sermos tão diferentes e tão misturados. Mas sei que sou um cantor brasileiro e faço música brasileira. E é com essa música que me relaciono primordialmente. São para ela minhas principais reverências, ainda que um tanto quanto infiéis. Interesse-me por essa infidelidade como estratégia: reconhecer o ponto de partida, sim, mas ter como pontos de chegada possibilidades sempre distintas e distantes de onde parti.

Se essa música fosse uma boca — uma boca abissal — eu gostaria que ela pudesse engolir o cansaço, o medo, o individualismo, e cuspir de volta o erotismo, o desejo, o prazer do movimento. Ela sussurraria no seu ouvido: a vida é mais feliz quando se canta e dança.





PRESENCAS E AUSÊNCIAS DE MULHERES NAS CRIAÇÕES COREOGRÁFICAS DO BALÉ DA CIDADE E NO ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Bruno Bortoloto do Carmo
Pesquisador

Mariana Brito Santana
Assistente de pesquisa

SETEMBRO DE 1973, Theatro Municipal de São Paulo. O então intitulado Corpo de Baile Municipal realizava a apresentação de *Poesia dos Deuses*, de Lia Marques; *Adágio e Ifé*, ambas assinadas por Marília Franco. As três peças marcaram a história do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP) pela notável transição que a companhia passava, desligando-se aos poucos de sua vocação inicial de acompanhar as óperas das temporadas líricas oficiais para despontar em uma direção mais contemporânea; além de ser a primeira vez de mulheres assinarem todas as coreografias de uma temporada.

Após uma incursão no acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo, percebemos que Lia Marques já havia coreografado *Diagrama* em 1971, mas sua peça foi acompanhada de *Lagos dos Cisnes*, coreografia de Johnny Franklin. Para se ter uma ideia, duas ou mais mulheres dirigindo todas as coreografias estreadas de um mesmo espetáculo que voltaria a acontecer somente em 1984, com *Absurdos*, de Susane Yamauchi e *Com-Passos*, de Mara Borba.

Além das coreografias já citadas, os primeiros vinte anos do Balé da Cidade foram marcados por outras mulheres e suas grandes criações, Ana Mondini (*Forró For All*), Germaine Acogny (*Z*), Lia Robatto

(*Bolero*), Ivonice Satie (*Paulicéia Desvairada*, *Mozartearando* e *Shogun*), Cláudia Palma (*Baile na Roça*, *Quase Dois*, *Deserto dos Anjos*, *Um jardim além dele* e *Dois Reflexos*).

Os títulos da atual temporada — *tão carne quanto pedra* e *BOCA ABISSAL*, coreografias assinadas respectivamente por Michelle Moura e Rafaela Sahyoun — nos levaram a refletir junto à direção do BCSP sobre a questão de quantas quantas mulheres estiveram na direção criativa de coreografias entre 1968 e 2025? Em um universo com cerca de duzentos e noventa coreografias autorais criadas e executadas pelo Balé da Cidade de São Paulo, somente cinquenta tiveram participação de mulheres na sua concepção; se incluirmos concepções mistas ou coletivas com participação feminina, o número sobe discretamente para cerca de setenta.

Os dados apresentados no parágrafo anterior são reveladores de uma evidente sub-representação da participação feminina na concepção de coreografias ao longo da história do Balé da Cidade de São Paulo e, de forma mais ampla, das histórias das danças.

A documentação ainda explicita outro dado relevante: a invisibilidade não é uniforme. É mais eviden-

te nos primeiros vinte anos de existência do BCSP sendo que, a partir dos anos 1990 e 2000, percebe-se uma intensificação — ainda que de forma irregular — da participação de mulheres, tanto na direção da companhia quanto nas concepções coreográficas. No entanto, num panorama geral, a diferença em comparação com a participação masculina continua sendo bastante impactante, o que corrobora, de forma crítica, com o entendimento institucional da atual gestão para a programação do Complexo Theatro Municipal.

As últimas temporadas têm buscado reafirmar o compromisso de mudar um número tão expressivamente pequeno de mulheres coreografando, além de realizar eventos que possam discutir o papel da mulher na arte. Foi assim com *Abram Alas: A Batalha por Equidade na Indústria Musical*, em setembro de 2024.

Buscando trazer à tona nomes que passaram pelo BCSP na concepção coreográfica, o Núcleo de Acervo e Pesquisa apresenta uma linha do tempo com alguns documentos da nossa coleção que evidenciam a participação dessas mulheres no processo criativo e também as lacunas deixadas por suas ausências desde a criação da companhia em 1968.



As coreografias encontradas nos documentos são¹:

1973. Poesia dos Deuses, Lia Marques



Programa de Espetáculo da estreia de Poesia dos Deuses

1973. Adage, Marília Franco

1973. Ifé, Marília Franco



Programa de Espetáculo da estreia de Adage e Ifé

1983. Idílio, José Possi Neto e Sônia Mota

1983. Karadã, Susana Yamauchi e João Maurício

1985. No Ar, Sônia Mota



Programa de Espetáculo da estreia de No Ar

1971. O Diagrama, Lia Marques



Programa de Espetáculo da estreia de Diagrama

1973. Paqueta, Marília Franco

1974. Medeia, Marilena Ansaldo

1976. Pulsações, Célia Gouveia

1978. Urbana Rural Suburbana, Sônia Mota

1979. Temos Banana, Iraciry Cardoso

1975. Cenas de Casamento, Marilena Ansaldo



Imagem do espetáculo de estreia de Cenas de Casamento. Autor: Gerson Zanini

1982. Valsa para Vinte Veias, J.C. Viola/Lala Deheinzelin

1982. Certas Mulheres, Mara Borba

1982. Bolero, Emilie Chamie e Lia Robatto

1984. Absurdos ou os Doze Trabalhos de Flérsules, Susana Yamauchi

1984. O. de A. do Brasil, Mara Borba

1984. Com-Passos, Mara Borba



Programa de Espetáculo da estreia de Com-Passos

¹ Nessa lista não foram incluídas coreografias criadas em workshops e para óperas, apenas obras coreográficas que pertencem ao repertório do Balé da Cidade de São Paulo.

1990-2009

1993. *Paulicéia Desvairada*, Ivonice Satie



Imagem do Espetáculo de estreia de *Paulicéia Desvairada*. Autor: Gal Oppido

1997. *Plenilúnio*, Susana Yamauchi/João Maurício

1998. *Baile na Roça*, direção de José Possi Neto e Coreógrafos(as): Ana Teixeira, Lília Shaw e Robson Lourenço, Armando Aurich e Cláudia Palma e Elenco

2000. *Shogun*, Ivonice Satie

2000. *Paixão*, Deborah Colker

2000. *Codornas em Pétalas de Rosa*, Cia. 2, Lília Shaw, Armando Aurich e Elenco

2001. *Como se não coubesse no peito*, Cia 2, Denise Namura e Michael Bugdhan

2002. *Deserto dos Anjos*, Cia. 2, Cláudia Palma

2004. *Solo em questão*, Cia 2. 206, Marta Soares e Lília Shaw, Cortejo, Raymundo Costa e Dudude Herrmann, *O Homem de pé por Curiosidade*, Ana Teixeira e Osmar Zampieri, *Um Campo em Preto e Branco*, Armando Aurich e Ana Teixeira, *Um Outro Corpo*, Cláudia Palma e Mariana Muniz



Imagem do Espetáculo 206, na ocasião da estreia do projeto *Solo em Questão* Cia. 2. Autor: Sílvia Machado

1993. *Curinga*, Susana Yamauchi

1994. *Mozartearando*, Ivonice Satie

1996. *Carnaval dos Animais*, Ivonice Satie

1999. *Quase Dois*, Cláudia Palma

1999. *Forró For All*, Ana Mondini



Programa de Espetáculo da estreia de *Z*

Programa de Espetáculo da estreia de *Forró For All*

2003. *Ritual*, Carlos Miele e Daniela Stasi

2003. *Écipo Rei*, Cia. 2, Mara Borba

2005. *Andersen Sweet Suite*, Flávio de Souza, Cláudia Palma, Jorge Garcia, Lília Shaw e Elenco

2005. *Todos os 12*. Cia 2, Ana Teixeira e Sigrid Nora e Elenco



Imagem do Espetáculo *Todos os 12*. Autor: Sílvia Machado

2008. *Dois Reflexos*, Cia 2, Cláudia Palma e Mariana Muniz

2009. *Dóia na Janela*, Luiz Fernando Bongiovanni, Andréa Maia e Raymundo Costa

2009. *Coisas que nos Ajudam a Viver*, Susana Yamauchi

2007. *Óptica*. Cia. 2, Andréa Maia

2007. *Um Jardim Além Dele*, Cia 2, Armando Aurich e Cláudia Palma

2007. *Como é que Faz pra Sair da Ilha*, Cia 2, Key Sawao e Ricardo Iazzetta

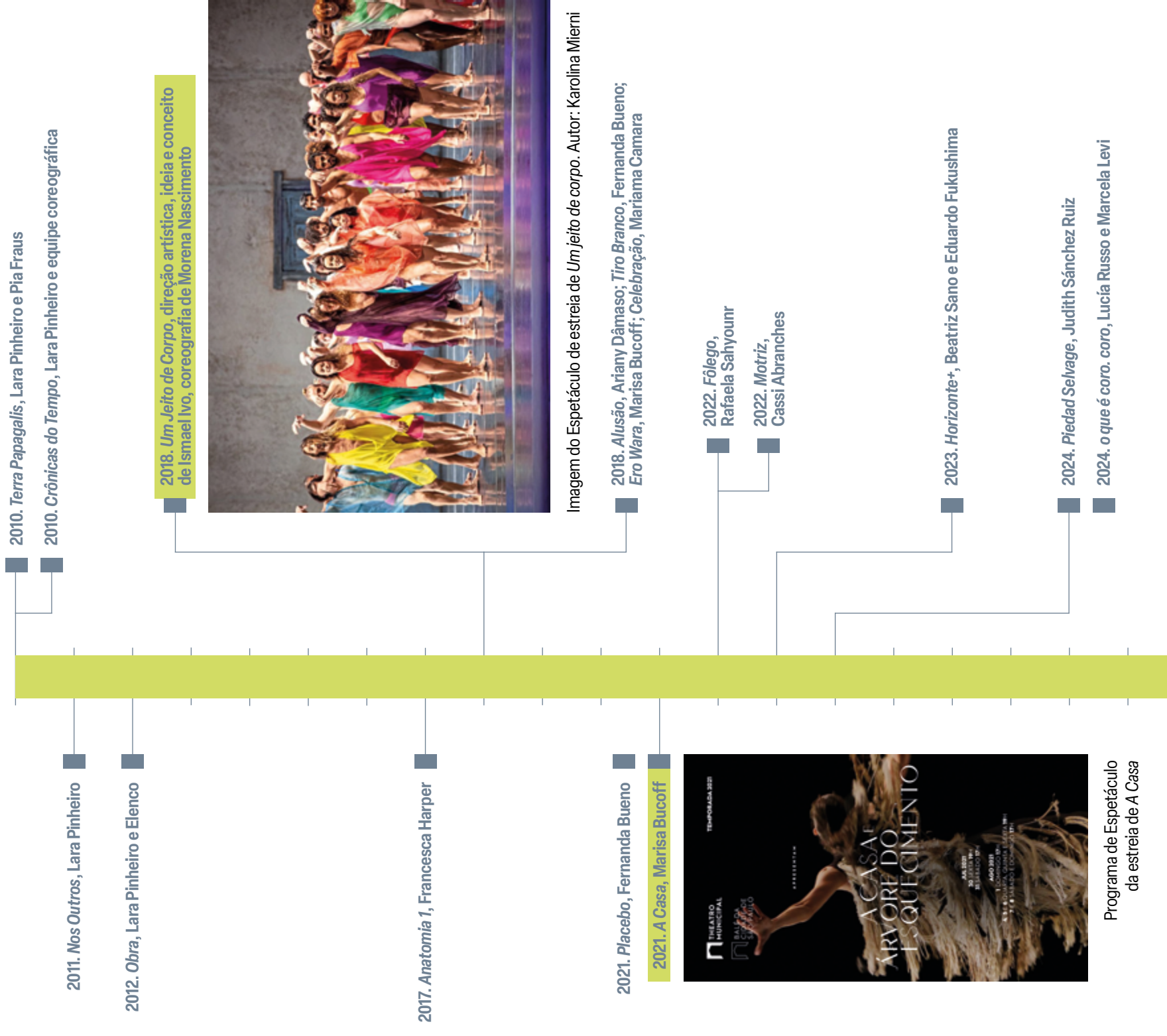
2007. *Meta-Sensoriais*, Cia 2, Mariana Muniz e Elenco s

1995. *Z*, Germaine Acogny



*Todas as imagens são do Acervo Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Este texto integra as ações do **Núcleo de Acervo e Pesquisa (NAP)** em colaboração com o Balé da Cidade de São Paulo e apresenta ao público fragmentos históricos ligados às temáticas da atual temporada. A seleção é baseada em itens documentais do acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo, com destaque para a coleção do BCSP. Essa ação não apenas resgata momentos marcantes da história da companhia, mas também amplia as formas de vivenciar e compreender o presente. O NAP é formado por uma equipe interdisciplinar dedicada ao desenvolvimento de estratégias de documentação, conservação preventiva e pesquisa do acervo, com o propósito de garantir sua preservação e difusão. Saiba mais sobre esse trabalho e acesse o Portal do Acervo por meio do QR Code abaixo.



TEMPORADA 2025

BALÉ DA CIDADE

mai 2025

23 e 28 sexta e quarta 19h10

24, 25 e 31 sábado e domingo 16h10

jun 2025

1 domingo 16h10

Antes da Cena: Por que falar de coreógrafas? com Paula Petreca

Diante de um programa assinado por duas coreógrafas, aproveitamos para refletir sobre a presença e também sobre as ausências de autorias femininas no campo da dança.

ago 2025

14 quinta 20h

15 sexta 20h

16 sábado 17h

17 domingo 17h

BIOGLOMERATA

BIOGLOMERATA foi uma recriação feita para o Balé da Cidade de São Paulo em 2024 que revisitou e atualizou Biomashup, um concerto de dança criado em 2014 por Cristian Duarte em companhia, no contexto da residência Lote, na Casa do Povo, em São Paulo. Numa relação íntima com a música e com o espaço-tempo multidirecional, o elenco disponibiliza seus arquivos de dança produzindo um campo de contaminação e regeneração povoado por uma variedade de gestos e referências não esgotadas pelo tempo histórico. Corpos como forças dinâmicas e em aglomerações provisórias, formam e deformam arranjos que convidam o público para um exercício de percepção contínuo. O músico Tom Monteiro, utilizando o theremin — um dos primeiros instrumentos eletrônicos inventados e um dos poucos que pode ser tocado sem contato físico direto — estabelece também uma ética do trabalho: quando o que não se vê se torna matéria indispensável para o movimento.

Fôlego

Fôlego retorna para sua terceira temporada com o Balé da Cidade de São Paulo. A criação de Rafaela Sahyoun surge da radiação dos corpos, um contínuo torna-se. *Fôlego* é devaneio, é a eletricidade nos corpos emergentes das atualizações presentes no espaço. Corpo-raio. Incansável influxo oscilatório de acontecimentos hipnóticos de afetos. Interconectados por paisagens simbólicas e sensoriais, *Fôlego* é contágio, negociação de desejos, assimilação. Acontecimento interpessoal que aproxima e distancia, reverbera, transforma, falha, decai e regenera. Tentativas constantes de narrativas coexistirem. Há futuros possíveis? Numa dramaturgia de força propulsora, *Fôlego* evoca o erotismo de se estar vivo. *Fôlego* é pulso. Um sopro no vento.





BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

O grupo foi criado em 7 de fevereiro de 1968 com o nome Corpo de Baile Municipal. Inicialmente com a proposta de acompanhar as óperas do Theatro Municipal de São Paulo e apresentar um repertório clássico, teve Johnny Franklin como seu primeiro diretor artístico. Em 1974, sob a direção de Antônio Carlos Cardoso, assumiu o perfil contemporâneo, que mantém até hoje. Em todos esses anos, o Balé da Cidade de São Paulo se definiu como um celeiro de novos vocábulos de dança, de inovação de movimento e criação de novas expressões artísticas. A carreira internacional da companhia teve início com a participação na Bienal de Dança de Lyon, na França, em 1996. A longevidade do grupo, o rigor e o padrão técnico do elenco e da equipe artística atraem os mais importantes coreógrafos nacionais e internacionais interessados em criar obras para a companhia.



ANDREA CARUSO SATURNINO

SUPERINTENDENTE GERAL
DO COMPLEXO
THEATRO MUNICIPAL

Andrea Caruso Saturnino é formada em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em artes cênicas pela Sorbonne Nouvelle (Paris) e doutora em artes cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). É gestora, diretora e curadora artística, fundadora da plataforma e do festival Brasil Cena Aberta e da produtora Performas, responsável por apresentar grandes nomes das artes cênicas internacionais no Brasil e por criar projetos expositivos e multidisciplinares. Desenvolve pesquisa no campo das artes cênicas contemporâneas, é autora de diversos artigos e do livro *Ligeiro Deslocamento do Real – Experiência, Dispositivo e Utopia em Cena*, Edições Sesc. Nomeada Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo Ministério da Cultura da França em 2024, é membro da International Society for the Performing Arts (ISPA) e vice-presidente do Conselho Diretor da Ópera Latinoamérica (OLA).



ALEJANDRO AHMED

DIRETOR ARTÍSTICO DO
BALÉ DA CIDADE DE
SÃO PAULO

Alejandro Ahmed é coreógrafo autodidata, diretor artístico e performer do grupo Cena 11 Cia. de Dança, com o qual desenvolve uma técnica que visa à produção da dança em função do corpo e de suas extensões. Suas investigações trouxeram novas definições para o conceito de coreografia: expressões como “situação coreográfica”, “coreografia imaterial” e “dança generativa” nomeiam os campos de interesse de Alejandro Ahmed e guiam seu trabalho com o Cena 11. Suas novas proposições teórico-práticas estabelecem a tríade correlacional emergência-coerência-ritual que orienta seu trabalho. Suas obras já foram apresentadas em diversas cidades brasileiras e em países dos cinco continentes do mundo. Artista visionário, ao longo de sua carreira foi premiado quatro vezes pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), além de conquistar os prêmios Bravo, Sergio Motta de Arte e Tecnologia, Itaú Transmídia, Itaú Rumos Dança, Honra ao Mérito Cultural Cruz e Souza, além da Bolsa Vitae. Desde 2023, é diretor artístico do Balé da Cidade de São Paulo.

EQUIPE BALÉ DA CIDADE



ANA TEIXEIRA
ASSISTENTE DE DIREÇÃO

Artista, professora universitária e pesquisadora. Doutora em Comunicação e Semiótica e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professora do curso de Comunicação das Artes do Corpo na PUC-SP. Sua pesquisa investiga as relações entre corpo, poder, dança, instituição pública e branquitude, abordando essas questões em palestras, cursos e congressos realizados em instituições públicas e privadas no Brasil e no exterior. Atuou como bailarina profissional, integrando, entre outras companhias, o Balé da Cidade de São Paulo e o StaatsTheater Kassel (Alemanha). Foi Diretora Artística Assistente do Balé da Cidade de São Paulo (2003-2009), integrante do Comitê Curatorial do Theatro Municipal de São Paulo (2022-2023) e membra da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) de 2009 a 2015. Colabora artisticamente com artistas da cena independente nacional e internacional.



FERNANDA BUENO
COORDENADORA ARTÍSTICA -
ADMINISTRATIVA

Bailarina, coreógrafa, jornalista, curadora e gestora cultural. Formada pela Escola Municipal de Bailados de São Paulo, graduada em jornalismo e mestranda em gestão e políticas públicas na Fundação Getúlio Vargas em São Paulo (FGV/EAESP). Atuou no Corpo de Dança do Amazonas, Cia. de Danças de Diadema, Núcleo Omstrab e Projeto Mov'ola. Desde 2008 integra o Balé da Cidade de São Paulo colaborando com coreógrafas e coreógrafos de destaque no cenário nacional e internacional. É diretora executiva da Axé No Corre Produções e do Instituto Artxs, além de co-fundadora e vice-presidente do Museu de Arte a Céu Aberto. Recebeu o Prêmio Denilto Gomes (2020), O Pequeno Jornaleiro (2022) e foi indicada ao APCA Dança (2021).



CAROLINA FRANCO
COORDENADORA DE ENSAIO

Bailarina formada pela Escola Municipal de Bailado de São Paulo. Também tem formação em moda e pós-graduação em figurino, é ex-bailarina (2004-2013) e atual coordenadora de ensaio do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP). Foi assistente de coreografia da Abertura da Copa FIFA 2014, no Brasil. Atuou no musical *WICKED* e foi dance captain. Além disso, trabalhou como stage manager de balé, ópera, musical e eventos.

Acesse o QRCode
e conheça a
equipe completa
do Balé da Cidade:



Bailarina formada pelo London Studio Centre (Londres) e professora de dança clássica e contemporânea. Atuou como bailarina no Balé da Cidade de São Paulo, no Ballet Stagium (São Paulo) e no Images of Dance (Reino Unido). Atualmente é coordenadora de ensaio do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP).



ROBERTA BOTTA
COORDENADORA DE ENSAIO

Coordenador técnico, stage manager e produtor especializado em dança, ópera, concertos e artes cênicas. Integrou a equipe de direção de palco do Theatro Municipal de São Paulo entre 2016 e 2024. Desde 2017, coordena o setor. Atua como coordenador técnico do Balé da Cidade de São Paulo desde março de 2024.



GABRIEL BARONE
COORDENADOR TÉCNICO

Iluminadora cênica formada pelo Centro de Pesquisa Teatral (CPT-SESC) em 1996. Trabalhou com diretores teatrais consagrados como Antunes Filho e iluminadores como Davi de Brito. Desenhou luz de espetáculos teatrais, óperas e balés. Está na equipe do Theatro Municipal de São Paulo e na coordenação de iluminação do Balé da Cidade de São Paulo desde 2005, comandando as turnês internacionais.



SUELI MATSUZAKI
COORDENADORA DE ILUMINAÇÃO

Formado em produção cultural e estudou dança na ETEC de Artes. Atuou por 16 anos como membro do Grupo Teatral Saga na produção de teatro da cena independente através de editais e festivais. Esteve na produtora Conteúdo Teatral, administradora do Teatro UOL, de 2013 a 2016. Em seguida passou a integrar a equipe de produção do Theatro Municipal de São Paulo.



FELIPE COSTA
PRODUTOR EXECUTIVO

tão carne quanto pedra



MICHELLE MOURA
CONCEPÇÃO E COREOGRAFIA

Michelle Moura é bailarina e coreógrafa brasileira radicada em Berlim. Sua formação em dança começou na Unespar (Universidade Estadual do Paraná), continuou no CNDC d'Angers (Centro Nacional de Dança Contemporânea) e Das Choreography (Amsterdã). Nos últimos 15 anos, tem explorado mudanças psicofísicas, propondo experiências particulares para o corpo em seu trabalho como: *Não Piscar (BLINK)*, *Falar Sem Mover A Boca (Overtongue)*, *Hiperventilar (FOLE)*. Em *Overtongue* (2021) e *Lessons for Cadavers* (2023), ela se debruçou sobre a artificialidade e dissociação de elementos, manipulando movimento, expressão, som e linguagem. Seu trabalho foi apresentado em teatros e festivais de dança como Tanz in August (DE), Sophiensaele (DE), Bienal de Veneza (IT), Panorama (BR), entre outros. Juntamente com sete artistas curitibanos, Michelle Moura foi cofundadora e membro da Minicomunidade Artística Mundial Couve-Flor (2005-2012). Seu solo *Overtongue* foi uma das 13 produções convidadas para o Tanzplattform Deutschland 2022.



CLARISSA REGO
ASSISTENTE DE CRIAÇÃO

Clarissa Rêgo nasceu na Holanda e cresceu em diferentes regiões do Brasil, o que lhe permitiu vivenciar a dança em contextos muito diversos. O balé clássico, as técnicas de dança contemporânea e as danças populares lhe trouxeram um amplo repertório de corporeidades que inspiram a maneira como ela faz dança atualmente. Trabalhando principalmente em grupos de dança desde os anos 2000, Clarissa já se apresentou no Brasil, Portugal, França, Bélgica, Espanha, Bulgária, Alemanha e Áustria. De 2008 a 2011, ela trabalhou com a coreógrafa Lia Rodrigues no Centro de Artes da Maré (Rio de Janeiro), uma experiência que ainda influencia fortemente sua vida e seu trabalho. Em 2017 Clarissa deu início a sua trajetória como coreógrafa, no contexto da primeira edição do PACAP, promovido pelo Fórum Dança (Lisboa), com curadoria de Patrícia Portela. Atualmente, colabora em projetos dirigidos pelas coreógrafas Zufit Simon e Michelle Moura, ambas baseadas em Berlim.



MAIKON K
PESQUISA DRAMATÚRGICA

Maikon K trabalha na fronteira entre dança, teatro e performance. Como artista solo, vem pesquisando poéticas abjetas e práticas xamânicas há mais de 20 anos. Alguns de seus trabalhos incluem *Máquina Êxtase*, *O Ânus Solar* e *DNA de DAN*. Como dramaturgo, tem se especializado em colaborações com coreógrafos, acompanhando e nutrindo processos criativos. Nessa função, interessa-se pelo hibridismo de linguagens e pela tradução de conceitos em práticas e experiências, auxiliando no desenvolvimento de pesquisas, compreendendo contextos e desafiando as formas de comunicação com o público.

Kaj Duncan David é compositor de música experimental teatral, música eletrônica e trilhas sonoras para espetáculos de dança. Lançou dois álbuns, *All Culture Is Dissolving* (2021) e *Only birds know how to call the sun and they do it every morning* (2025). Suas obras audiovisuais para conjuntos de música contemporânea como *ensemble mosaik* (Berlim) e *Scenatet* (Copenhage) foram apresentadas em festivais como Wien Modern (Viena), Maerzmusik (Berlim), MATA (Nova Iorque), Música Estranha (São Paulo). Estudou composição e música eletrônica na Goldsmiths College (University of London), e em conservatórios de música em Aarhus (Dinamarca) e Dresden (Alemanha). Tem origem dinamarquesa e britânica. Atualmente reside em Berlim.



KAJ DUNCAN DAVID
TRILHA SONORA

Rodrigo Lemos (também conhecido como Lemoskine) é produtor, cantor e compositor brasileiro e vencedor do Grammy Latino. Foi integrante da Banda Mais Bonita da Cidade, estabeleceu colaborações com artistas como Tuyo, ÀVUA, Jota.pê, Bananeira Brass Band, Charme Chulo e Getúlio Abelha. Rodrigo também recebeu quatro indicações para algumas dessas gravações.



RODRIGO LEMOS
TRILHA SONORA

Heloisa Strobel é arquiteta e estilista. Fundou a marca Reptilia em 2012, em paralelo ao seu trabalho no escritório Jaime Lerner Arquitetos Associados, onde desenhava projetos de urbanismo para localidades em vários países, com destaque para as praças da reconstrução de Luanda, em Angola. Em 2014 foi convidada pela ABIT (Associação Brasileira da Indústria Têxtil) a apresentar sua primeira coleção comercial em Paris, pelo programa TexBrasil. Em 2018 ganhou o prêmio SESI ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), chancelado pela ONU, e representou o Brasil no desfile dos BRICS na semana de moda da África do Sul a convite do Ministério da Cultura. Atualmente comanda a Reptilia da rua Mateus Grou, em São Paulo, com foco em um trabalho autoral e em um design de menor impacto com estética atemporal. Em 2024 fez sua estreia na São Paulo Fashion Week em uma coleção que abordou a diversidade e o etarismo, prestigiada pela socióloga e primeira-dama Janja Silva. No mesmo ano, duas de suas criações figuraram na exposição *Artistas do Vestir - Uma Costura dos Afetos*, no Itaú Cultural, em São Paulo. Já em 2025, iniciou sua pesquisa pela alfaiataria tradicional masculina, ganhando destaque na edição de abril da São Paulo Fashion Week e vestindo nomes como Marcelo D2, Memphis Depay, Criolo e Seu Jorge.



HELOISA STROBEL — REPTILIA
FIGURINO



ALINE SANTINI
DESENHO DE LUZ

Graduada em artes visuais e pós-graduada em lighting design no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo em 2016, estudou com o fotógrafo Carlos Moreira e foi assistente do iluminador Wagner Pinto e do diretor Gerald Thomas. Trabalha com iluminação há 25 anos e já realizou trabalhos com grandes diretores, companhias, artistas de teatro, dança, ópera, performance e artes visuais em São Paulo. Também executa projetos de iluminação para exposições, além de atuar como performer, criar instalações visuais e realizar a direção cênica de espetáculos das Artes do palco. Aline foi indicada duas vezes ao prêmio APCA de dança e sete vezes ao prêmio Shell na categoria iluminação, indicação que lhe garantiu o prêmio em 2024 pelo espetáculo *Mutações*. Atualmente está indicada ao prêmio Shell pelo espetáculo *Perfeita!*, com direção de Ulysses Cruz e dramaturgia de Samir Yazbek. Foi vencedora do prêmio Denilto Gomes no ano 2017 com o espetáculo de dança *Shine*. Em 2019, foi uma das artistas selecionadas para representar o Brasil na Quadrienal de Praga. Já participou de festivais nacionais e internacionais de teatro e dança na Alemanha, Croácia, Argentina, Bolívia, Portugal, Irlanda e França. Como educadora, ministra oficinas de iluminação cênica em oficinas culturais, no Sesc e na SP Escola de Teatro.

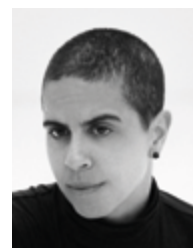


CAMILA SCHMIDT
CENOGRAFIA

Camila é formada em arquitetura e urbanismo pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFMG) e em Cenografia pelo Espaço Cenográfico-SP de J.C. Serroni e atualmente cursa uma pós-graduação em Artes e Contemporaneidades pela Escola Guignard da Universidade Estadual de Minas Gerais. Atuando de forma multidisciplinar e com experiência nas linguagens híbridas entre arquitetura, arte e teatralidade, trabalha há duas décadas em projetos de arquitetura efêmera, intervenção urbana, museografia e expografia, cenografia para teatro, dança, ópera, shows de música, moda, eventos culturais e direção de arte em produção audiovisual. Durante dez anos, colaborou com Daniela Thomas e o estúdio T+T coordenando projetos nacionais e internacionais, com os quais recebeu indicações e premiações em cenografia. Nos últimos anos, ampliou sua atuação artística com experimentos em artes performáticas presenciais, audiovisuais e direção criativa de instalações de arte site-specific em parceria com outros artistas.

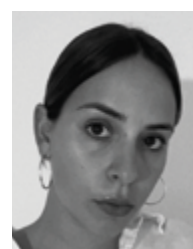
BOCA ABISSAL

Rafaela Sahyoun, paulistana de ascendência árabe — libanesa e palestina —, reside entre São Paulo e territórios internacionais. Formada pela SEAD — Salzburg Experimental Academy of Dance (Áustria, 2013) e pelo Trinity Laban (Reino Unido, 2009), é artista da dança e das matérias do corpo que espirala entre o fazer coreográfico na cena como bailarina e no campo da educação. Como educadora, desenvolve práticas pedagógicas aprofundadas e de ampla facilitação. Ainda atua internacionalmente em contextos de graduação e pós-graduação e em companhias profissionais de dança e teatro, impactando a formação de novas gerações de artistas. Atualmente leciona na universidade PERA School of Performing Arts (CY) desde 2019, onde colabora com o plano pedagógico e com a concepção do programa de pós-graduação em coreografia. Desde então, vem criando obras coreográficas anualmente — a mais recente é *The Trouble is Wildly Wet* (2024). Rafaela também colabora com instituições como Tanzfabrik (DE), Circuit-Est (CA), EBB (FR e ES), Plataforma de Educação e Pesquisa em Dança — Unplugged Dance (GR), o Programa de Pós-Graduação Corpo: Dança, Teatro e Performance do Célia Helena (BR), Atland Residency (US), Campus, C.E.M e Moot — The Movement Lab (PT), entre outras plataformas culturais e acadêmicas. É curadora artístico-pedagógica da 9ª edição do Festival Danspunt na (Bélgica, 2025). Dando continuidade às suas criações autorais, o ano de 2025 marca o nascimento da sua companhia de dança, intitulada ELETRO-RAIA, em co-elaboração com Inês Galvão e Aline Santini, e de artistas convidados. BOCA ABISSAL é sua segunda criação para o Balé da Cidade de São Paulo, sucedendo *Fôlego* (2022), obra que atualmente integra o repertório da companhia.

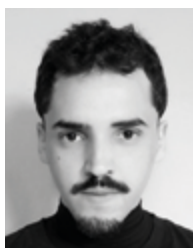


RAFAELA SAHYOUN
CONCEPÇÃO E COREOGRAFIA

Inês Galvão é artista de dança residente entre Portugal e Brasil. Iniciou seus estudos artísticos na música clássica, com passagem por orquestra, e os ampliou para abarcar a dança, a criação e a produção cultural. Desde 2016, trabalha como bailarina e se dedica à coreografia e à investigação do movimento em projetos autorais e internacionais. A partir de 2020, colabora e co-cria com Rafaela Sahyoun em obras como *VAWM* (2020), *Wheel of Radical Affection* (2021), *Something to Phase Us: Who Goes There* (2022), *NINGUÉM MESOLTA* (2022) — na qual atua também como bailarina, *Yeah, I've Been Watching You Lately* (2023), *The Trouble is Wildly Wet* (2024) e *CRUSH* (2024) — em que participa ainda como bailarina —, bem como em *Fôlego* (2022) e *BOCA ABISSAL* (2025), ambas para o Balé da Cidade de São Paulo. Em 2025, inaugura a companhia ELETRO-RAIA, em colaboração com Rafaela Sahyoun e Aline Santini, atuando como assistente de direção e criação, além de bailarina.



INÊS GALVÃO
ASSISTENTE DE CRIAÇÃO
E COREOGRAFIA



GUSTAVO CABRAL
ASSISTENTE DE COREOGRAFIA

Gustavo é um artista independente da dança residente em São Paulo e formado pelo Projeto Núcleo Luz – Ciclo II. Sua trajetória na dança contemporânea é marcada pelo foco em improvisação como ferramenta de pesquisa. Atualmente faz parte do elenco da Cia. Perversos Polimorfos, dirigida por Ricardo Gali, e do Núcleo Disparador, mas já integrou o Grupo Danceato de Diadema, Cia. Caleidos de Dança, e o Laboratório Siameses. Participou da ópera *Aida* no Theatro Municipal de São Paulo, dirigida por Bia Lessa e coreografada por Liliane de Grammont, e do espetáculo *Tranças de Teresa*, com direção de Liliane de Grammont, na Cia. da Vila. Atuou em performances como *Crystal Beings*, de Luísa Mota, *VASTIDÃO*, de Gustavo Ciríaco, *Cratera*, de Rafaela Sahyoun e *Hiato Expandido*, de Felipe Teixeira e Mariana Molinos. No audiovisual, foi ator e bailarino no curta-metragem *Sinos de Mavi* e no clipe musical *Naked As my Sou*, de Júlia Benford. Atualmente, é professor de dança elástica no Greta Galpão.



DANIELA MORAES
ASSISTENTE DE COREOGRAFIA

Bailarina, professora e artista independente, Carina formou-se bacharel em dança pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Já trabalhou e fez parcerias artísticas com diferentes diretores e coreógrafos nacionais e internacionais, como: Henrique Lima, Ricardo Gali, Jorge Garcia, Mauricio de Oliveira, Rafaela Sahyoun, Mariana Molinos, Felipe Teixeira, Sandro Borelli, Liana Zakia, Luis Fernando Bongiovanni, Vanessa Macedo, Renan Martins (PT/BR) e Teresa Ranieri (PT). Atualmente trabalha com as companhias Jorge Garcia Cia. de Dança, Cia. Perversos Polimorfos e GRUA. Dirigiu e coreografou os trabalhos *Dellas17*, *Dellas21* e *Oswald Dança Rita/Baila Comigo*. Como educadora, conduz a prática *Improvisação: Estratégias para Mover*, que já integrou a programação da *Transversalidades Poéticas – CRDSP*, *(Re)union 2020* (Lisboa – Portugal), o curso de Pós Graduação do Célia Helena, a Cia de Danças de Diadema, a Jorge Garcia Cia de Dança, o Balé de Niterói, etc. Além das práticas de improviso, foi professora da disciplina de Dança Contemporânea para o Ciclo II do Projeto Núcleo Luz, em 2022. Também é DJ e discotecou em 2023 no trabalho *Zona Cinzenta* da TF Cia. de Dança e no trabalho *Oswald Dança Rita/Baila Comigo*.

Yantó é cantor, compositor, produtor musical e performer. Mineiro de Bambuí (Minas Gerais), vive atualmente em São Paulo. É formado em Música Popular e mestre em Artes da Cena pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), onde também estudou dança. Sua produção tem como principais referenciais a música popular brasileira, o pop e a música experimental. Desde 2012, lançou os álbuns *eLe*, *VERÃO*, *LINEKER*, *Sítio Arqueológico*, *talho*, e uma série de EPs e singles. Além de seu trabalho autoral é vocalista do Bloco Explode Coração. É alumni do programa OneBeat (Estados Unidos). Atua ainda como performer, dançarino, ator e preparador vocal em diversos contextos da cena artística paulistana.



YANTÓ
TRILHA SONORA ORIGINAL,
PRODUÇÃO MUSICAL, MIXAGEM,
PROGRAMAÇÕES, VOZES
E SINTETIZADORES

Karina é designer, diretora criativa e empreendedora formada em desenho industrial pela Universidade Mackenzie. Atua no mercado de moda há 24 anos e iniciou sua carreira na indústria têxtil. Já foi estilista de grandes marcas do varejo e atualmente está à frente do próprio ateliê, o TELA STUDIO SP.



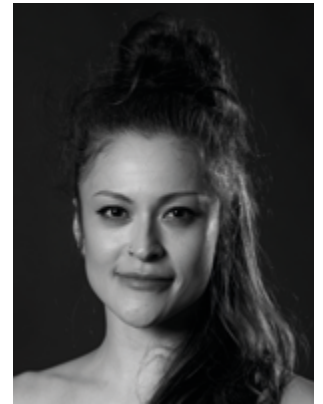
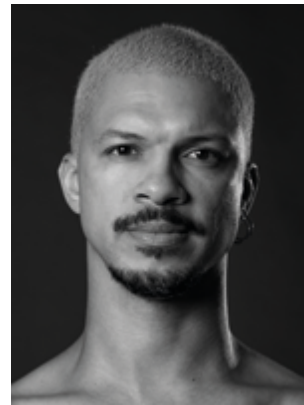
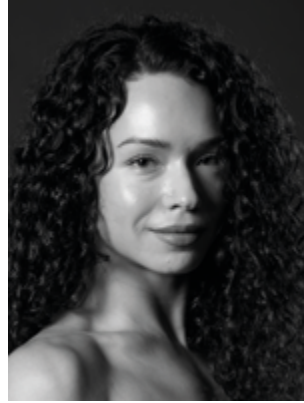
KARINA MONDINI —
TELA STUDIO SP
FIGURINO

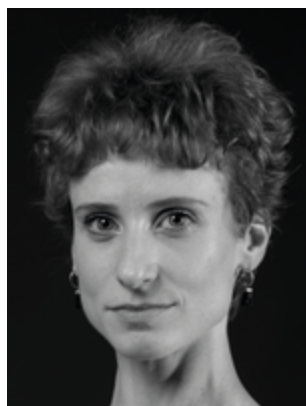
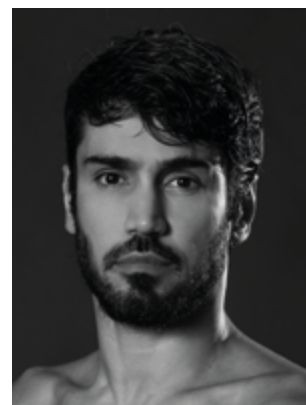
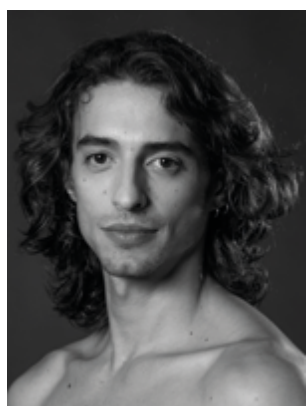
Judita Tripar é dançarina croata e estudante da PERA – School of Performing Arts (CY). Completou seus estudos em dança no ensino médio na Contemporary Dance School Ane Maletić (Zagreb – Croácia), em 2021 e em 2022 participou do programa para jovens dançarinos com a Studio Contemporary Dance Company, intitulado *Podmladak*, onde executou a peça *Murmurations*, dirigida e coreografada por Nika Janković. No mesmo ano, performou *Breathe*, coreografada e dirigida por Ivona Grubišić Pupić. Na PERA, performou *NINGUEMMESOLTA* (2022.), *Yeah, I've been Watching You Lately* (2023) e *The Trouble is Wildly Wet* (2024), todas com direção de Rafaela Sahyoun. Atualmente está estagiando na criação de *BOCA ABISSAL* para o Balé da Cidade de São Paulo.



JUDITA TRIPAR
ESTÁGIO EM PESQUISA CONTINUADA
E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

ELENCO BALÉ DA CIDADE









Balé da Cidade de São Paulo

Diretor Artístico Alejandro Ahmed

Assistente de Direção Ana Teixeira

Coordenadora Artístico-Administrativa

Fernanda Bueno

Coordenadoras de Ensaio Carolina Franco e

Roberta Botta

Coordenador Técnico Gabriel Barone

Assistente de Coordenação Técnica Vitória Paiva*

Coordenadora de Iluminação Sueli Matsuzaki

Maitre de Ballet Liliane Benevento

Produtor Executivo Felipe Costa

Pianista Beatriz Francini

Técnico de Som Leandro Lima

Contrarregista Alessandro Rodrigues

Assistente Administrativo Letícia Manginelli

Fisioterapia Reactive*

Bailarinos(as) Alyne Mach, Ana Beatriz Nunes,

Ariany Dâmaso, Bruno Rodrigues, Camila Ribeiro,

Carolina Martinelli, Cleber Fantinatti, Cleia Santos,

Erika Ishimaru, Fabiana Ikehara, Fabio Pinheiro,

Fernanda Bueno, Grecia Catarina, Gutielle Ribeiro

Costa, Harry Gavlar, Isabela Maylart, Jessica

Fadul, Leonardo Hoehne Polato, Leonardo Muniz,

Leonardo Silveira, Luiz Crepaldi, Luiz Oliveira,

Manuel Gomes, Marcel Anselmé, Márcio Filho,

Marina Giunti, Marisa Bucoff, Odu Ofá, Rebeca

Ferreira, Renata Bardazzi, Reneé Weinstrof, Safira

Santana Sacramento, Sílvia Kamyla Sousa Pinheiro,

Uátilla Coutinho, Victor Hugo Vila Nova, Victoria

Oggiam e Yasser Díaz

Bolsistas Balé da Cidade Dennys Roberty

Evangelista, Nathália Cotrim, Geovanna Gabriela

Siqueira e Laysla Ferreira da Silva

*Prestadores de serviço.

Prefeitura Municipal de São Paulo

Prefeito Ricardo Nunes

Vice-prefeito Coronel Mello Araújo

Secretário Municipal de Cultura e Economia

Criativa José Antônio Silva Parente – Totó Parente

Secretária Adjunta Carol Lafemina

Chefe de Gabinete Rogério Custódio de Oliveira

Fundação Theatro Municipal de São Paulo

Direção Geral Abraão Mafra

Direção de Gestão Dalmo Defensor

Direção Artística Andreia Mingroni

Direção de Formação Leonardo Camargo

Direção de Produção Executiva Enrique Bernardo

Conselho Administrativo Suspendidos

André Isnard Leonardi (presidente), Carolina Gabas

Stuchi, Cláudia Ciarrocchi, Gabriel Fontes Paiva,

José Alexandre Pereira de Araújo, José Roque

Cortese, Magda Pucci, Monica Rosenberg, Odilon

Wagner, Renata Bittencourt e Wellington do C. M.

de Araújo

Conselho Consultivo Suspendidos

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre

Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes,

Ana Maria Wilhelm, Celia Cristina Monteiro de

Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel

Whitaker, Leonardo Matrone, Luciana Temer, Luiz

Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas

(*in memoriam*) e Paula Raccanello Storto

Conselho Fiscal Suspendidos

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e

Paula Cerquera Bonanno

Suspendidos Organização Social de Cultura (Theatro Municipal)

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa

Diretor Administrativo Financeiro Rafael Salim Balassiano

Gerente Jurídico Adline Debus Pozzebon

Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas

Gerente de Controladoria Leandro Mariano Barreto

Contadora Cláudia dos Anjos Silva

Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira

Supervisor de Tecnologia e Sistemas

Yudji Alessandro Otta

Gerente de Administração de Pessoal

Ana Cristina Cesar Leite

Gerente de Mobilização de Recursos

Marina Funari

Gerente de Logística Rafael Masaro Antunes

Captação de Recursos Tais da Silva Costa

Assessor Gestão da Informação Tony Shigueki Nakatani

Complexo Theatro Municipal de São Paulo

Superintendente Geral Andrea Caruso Saturnino

Secretária Executiva Valéria Kurji

Aprendiz Vitória Almeida de Moraes

Gerente de Produção/Programação Artística

Nathália Costa **Coordenadora de Produção**

Rosana Taketomi de Araujo **Equipe de Produção**

André Felipe Lino de Jesus, Carla Luiza Silveira

Henriques, Carlos Eduardo Marroco, Cinthia Cristina

Derio, Carolina Beletatto, Eliana Aparecida dos

Santos Filinto, Joana Leonor de Moura Rosa, Karine

dos Santos, Laura Cibele Gouvêa Cantero, Luiz Alex

Tasso, Marita Cunha Prado, Rodrigo Correa da Silva,

Ronaldo Gabriel de Jesus da Silva e Rosângela Reis

Longhi **Bolsistas** Murillo Oliveira Monteiro **Aprendiz**

Isabelly Souza Santos

Coordenadora de Programação Artística

Camila Honorato Moreira de Almeida **Equipe de**

Programação Bruna de Fátima Mattos Teixeira, Isis

Cunha Oliveira Barbosa, Máira Scarello, Marcelo

Augusto Alves de Araújo e Pedro Ferreira Guida

Bolsista Vitória Santos Almeida da Silva **Aprendiz**

Aline Nunes Gouveia

Gerente Cenotécnico Aníbal Marques (Pelé)

Coordenadora de Produção Central Técnica

Laura de Campos França **Equipe Central**

Técnica Ivaildo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da

Conceição e Juliano Bitencourt Mesquita **Bolsistas**

Amanda Gomides de Moraes, Deyvidson Ferreira

Bila, Douglas Aguirre Solares, João Miguel Moraes

Ferreira Francisco, Julia Sthefany Pires de Oliveira,

Nuan Mazurega da Silva, Pedro Henrique Oliveira

Santana e Tamires Gomes de Jesus

Gerente de Musicoteca Ruthe Zoboli Pocebon

Coordenador de Musicoteca Jonatas dos Santos

Ribeiro **Equipe de Musicoteca** Carolina Aleixo

Sobral, Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino

Pacioni, Felipe Faglioni, João Marcos Lopes de

Souza Miranda, Jonatas Ribeiro, Leonardo Serrão

Minoci de Oliveira, Martim Butcher Cury e Monik

Regina da Silva Freitas **Pianista Correpetidor**

Anderson Brenner **Bolsista** Livia Maria Monteiro

Torres de Matos

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana

Lucia Lopes **Equipe de Formação, Acervo e**

Memória Clarice de Souza Dias Cará e Stig Lavor

Bolsistas de Dramaturgismo Debora Oliveria dos Santos, Mirella Lima Cserba e Beatriz Cristina de Carvalho Obata

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Supervisora de Educação** Dayana Correa da Cunha **Equipe de Educação** Bianca Stefano Vyunas, Camila Aparecida Padilha Gomes, Diego Diniz Intrieri, Fernanda Keico de Oliveira Sugiyama, Gabriel Gerônimo Alves França, Gabriel Zanetti Pieroni, Joana Oliveira Barros Rodrigues de Rezende, Luciana de Souza Bernardo, Mateus Masakichi Yamaguchi e Monike Raphaela de Souza Santos **Estagiária** Clara Carolina Augusto Garcia Gois e Sarah Graciano Lima **Bolsistas** Amanda Silva Policarpo e Maria Renara Abreu Costa **Aprendizes** Enzo Holanda e Mariana Filardi

Coordenador de Acervo e Pesquisa Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe de Acervo e Pesquisa** Andreia Francisco dos Reis, Bruno Bortoloto do Carmo, Rafael de Araujo Oliveira e Shirley Silva **Estagiários** Brenda da Silva Souza, Clara Carolina Augusto Garcia, Daniela Andressa Baez Garcia de Oliveira, Gabriela Eutran da Silva, Karina Araujo do Nascimento, Nathalia Hara de Oliveira, Rayan Fernandes da Silva, Thalia Ariadna Silva de Andrade e Thalya Duarte de Gois **Bolsistas** Aline Alves de Jesus e Daniel Gonzaga de Araujo

Coordenador de Ações de Articulação e Extensão Felipe Oliveira Campos **Equipe de Ações de Articulação e Extensão** Renata Raissa Pirra Garducci **Bolsistas** Ester da Silva Rotilio de Miranda, Karen Samyra dos Santos e Vitória Oliveira da Silva

Diretor Cenotécnico Sérgio Ferreira **Coordenador Técnico** Jonas Pereira Soares **Coordenador de Palco** Adalberto Alves de Souza **Equipe de Direção de Palco** Amanda Tolentino de Araújo, Diogo de Paula Ribeiro, Matheus Alves Tomé, Olavo Cadorini Cardoso, Samuel Gonçalves Mende, Sônia Ruberti e Vivian Miranda **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Anderson dos Santos Gasparotto, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Jorge de Carvalho, Igor Mota Paula, Júlio César Souza de Oliveira, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Marcelo Evangelista Barbosa,

Odilon dos Santos Motta e Ronaldo Batista dos Santos **Chefe de Contrarregragem** Edival Dias **Equipe de Contrarregragem** Luiz Carlos Lemes, Maicon Rodrigues Nagel, Sandra Satomi Yamamoto e Vitor Siqueira Pedro **Chefe de Montagem** Rafael de Sá de Nardi Veloso **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Marcus Vinicius José de Almeida, Nizinho Deivid Zopelaro e Pedro Paulo Barreto **Coordenador de Sonorização** Daniel Botelho **Equipe de Sonorização** André Moro Silva, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin, Leandro dos Santos Lima e Rogerio Galvão Ultramarí Junior **Bolsistas** Matheus Glezer e Lucas Penteado de Matos **Coordenador de Iluminação** Wellington Cardoso Silva **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Danilo dos Santos, Fabíola Galvão Fontes, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes, Wellington Cardoso Silva e Yasmin Santos de Souza **Bolsistas** Daniel Costa Barros e Rebeca Luiza dos Reis

Supervisora de Figurino Luciana Conte Hadlich Santos **Equipe de Figurino** Alzira Campiolo, Eunice Baía, Fabiane do Carmo Macedo de Almeida, Geralda Cristina França da Conceição, Isabel Rodrigues Martins, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins, Regiane Bierrenbach e Walamis Santos **Bolsistas** Byanka Martins dos Santos e Mayara de Oliveira Santos

Gerente de Comunicação Elisabete Machado Soares dos Santos **Equipe de Comunicação** André Felipe Costa Santa Rosa Lima, Francielli Jonas Perpetuo, Guilherme Dias de Oliveira, Gustavo Quevedo Ramos, Karoline Marques da Conceição, Larissa Lima da Paz, Laureen Cicaroli Dávila, Letícia Silva dos Santos, Tatiane de Sá dos Santos e Winnie dos Santos Affonso

Gerente de Parcerias e Novos Negócios Luciana Gabardo dos Santos **Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios** Giovanna Campelo **Equipe de Parcerias e Novos Negócios** Matheus Ferreira Borges, Nathaly Rocha Avelino, Thamara Cristine Carvalho Conde e Vitória Terlesqui de Paula

Supervisor de Bilheteria Jorge Rodrigo dos Santos **Equipe de Bilheteria** Bruna Eduarda Cabral

da Silva, Claudiana de Melo Sousa, Flavia dos Santos da Silva e Maria do Socorro Lima da Silva

Supervisora de Atendimento ao Público Ana Cláudia de Carvalho Lima Faria **Equipe de Atendimento ao Público** Ana Luisa Caroba de Lamare, Juliana da Silva, Marcella Relli e Rosemeire Pontes Carvalho

Coordenador de Planejamento e Monitoramento Douglas Herval Ponso **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Milena Lorana da Cruz Santos e Thamella Thais Santana Santos

Coordenadora de Captação de Recursos Heloíse Tiemi Silva **Aprendiz** Yasmin Antunes Rocha

Gerente Geral de Operações e Finanças Helen Márcia Valadares Meireles Carvalhaes **Assessora de Gerência** Fernanda do Val Amorim

Gerente de Patrimônio Eduardo Spinazzola **Equipe de Patrimônio e Arquitetura** Angelica Cristina Nascimento Macedo, Fabiana de Almeida Costa, Juliana de Oliveira Moretti e Raisal Ribeiro da Rocha Reis

Coordenador de Operações Mauricio Souza **Equipe de facilities** Carolina Ricardo e Leandro Maia Cruz

Equipe de Manutenção Predial Elias Ferreira Leite Junior, Gustavo Giusti Gaspere, Leandro Maia Cruz, Murilo Sobral Coelho e Pedro Henrique de Campos Lima **Aprendiz** Lucas Cerqueira Vieira

Equipe de TI Carlos Eduardo de Almeida Ferreira e Romário de Oliveira Santos **Aprendiz** Igor Alves Salgado

Supervisora Financeira Jéssica Brito Oliveira **Equipe de Finanças** Christie Fernando de Oliveira Souza, Fernanda Estrela de Souza, Michele Cristiane da Silva, Rosilene Costa dos Santos e Sueli de Calais Vicente Guedes **Equipe de Controladoria** Erica Martins dos Anjos **Aprendiz** Paloma Ferreira de Souza

Coordenador de Compras e Suprimentos Raphael Teixeira Lemos **Equipe de Compras e Suprimentos** Eliana Moura de Lima, Leandro

Ribeiro Cunha, Paulo Henrique Risseri e Thiago Faustino **Aprendiz** Suiany Olher Encinas Racheti

Supervisora de Logística Aline de Andrade

Nepomuceno Barbosa **Equipe de Logística**

Allison Alves Tavares, Arthur Luiz de Andrade Lima,

Guilherme Ferreira dos Santos e Marcos Aurélio

Vieira do Nascimento Samora **Equipe de Contratos**

e Jurídico Aline Rocha do Carmo, Douglas

Bernardo Ribeiro, Lucas Serrano Cimatti e Pedro

Henrique Santana **Aprendiz** Pedro Henrique Lima

Pinheiro

Gerente de Recursos Humanos Renata Aparecida

Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos**

Amanda Alexandre de Souza Mota, Amanda

Bezerra Diogenes, Janaina Aparecida Gomes

Oliveira, Letícia Silva de Oliveira, Natali Francisca

Vieira dos Santos e Priscilla Pereira Gonçalves

Coordenador de Saúde e Segurança do

Trabalho Edson Alexandre Moreira **Equipe de**

Saúde e Segurança do Trabalho Mateus Costa

do Nascimento e Tamires Aparecida de Moraes

Lanfranco Pires

Expediente da Publicação

Design e Diagramação Winnie Affonso / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Edição de Conteúdo Guilherme Dias / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Revisão Camila Marques

Produção Gráfica Karoline Marques e Winnie

Affonso / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Fotos Larissa Paz e Stig Lavor / Equipe de

Comunicação do Theatro Municipal

Informações e ingressos:
theatromunicipal.org.br

Acompanhe nossas redes sociais:

Theatro Municipal

 @theatromunicipalsp

 @theatromunicipal

 @theatromunicipal

Praça das Artes

 @pracadasartes

 @pracadasartes

Municipal Online

 /theatromunicipalsp

Para uma experiência segura,
confira o manual do espectador, disponível em:
theatromunicipal.org.br/manualdoespectador

O Theatro Municipal de São Paulo conta com você para
aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:
escuta@theatromunicipal.org.br
e ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br

Programação sujeita a alteração.

Ingressos
R\$11-92

Classificação indicativa
livre

Theatro Municipal
Sala de Espetáculos

Para contratar o Balé da Cidade de São Paulo, entre em
contato através dos e-mails:

programacao@theatromunicipal.org.br

producao@theatromunicipal.org.br

TEMPORADA 2025
POÉTICA DE TODO MUNDO



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



patrocínio:



apoio:



**Art Music
Denmark**

realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



